

## O ÍNDIO COMO PESQUISADOR

*Maurizio Gnerre*  
*Unicamp*

É minha intenção aqui relatar e interpretar alguns aspectos do processo político e cultural que está acontecendo entre os Índios Shuar do Equador. Desde 1961 este grupo indígena de mais de 25.000 pessoas encontra-se em um processo de organização civil que levou nos últimos anos a um interesse sempre maior para com a cultura e a língua nativa por parte de muitos indígenas. O processo político de organização para a defesa das terras dos Shuar foi acompanhado por um processo de generalização da educação radiofônica bilingüe e bicultural. O surgimento da atitude de reflexão e de pesquisa sobre a própria língua e cultura é aqui interpretada como uma consequência deste processo mais geral.

### Os Shuar e as missões

Os Shuar têm uma tradição de resistência

contra a ocupação do território tradicionalmente ocupado por eles e esta tradição os preservou durante três séculos de contatos interétnicos, de forma que os Shuar e outros grupos da família etno-lingüística Jívaro (Huambiza, Aguaruna e Achuar) chegaram até o começo deste século ocupando um território muito extenso e caracterizando-se por um grau mínimo de dependência das frentes de expansão das sociedades equatoriana e peruana. Desde o final do século passado, porém, os missionários Salesianos e Franciscanos conseguiram estabelecer umas bases de atuação em território Shuar. Durante várias décadas os resultados obtidos pelos missionários eram mínimos. Foram instituídos então os "internatos", nos quais eram reunidas centenas de crianças e de adolescentes Shuar, com a finalidade explícita de mantê-los distante das famílias durante a maior parte do ano. A finalidade óbvia era a de reduzir ao mínimo as influências "negativas" (na perspectiva dos missionários) da convivência com as instituições da cultura Shuar. Um dos Shuar que desempenhou uma função importante nos primeiros anos da Federação, Ricardo Tankamash deu o depoimento que segue, no qual fica bem caracterizado o tipo de repressão cultural que existia nos internatos Salesianos nos anos 50 (Mühlzel, Kroeger 1981:217-18):

"Yo era interno de los salesianos. Yo no quería ir al internado pero mi madre decía: Tienes que hacerlo 'Tienes que aprender castellano, te tienes que

civilizar' Una y otra vez me escapé del internado y me fui a casa, y mi madre siempre me volvía a llevar. Me arrastraba tras ella, yo gritaba. En el internado los padres me recibían: Quieres vivir en la porquería en vez de en el internado, porque quieres vivir junto a los tuyos, donde todos duermen revueltos, uno sobre el otro.

Mi padre tampoco quería que fuera donde los misioneros. El decía siempre: 'Lo mejor es matar a los misioneros, entonces habrá paz'. Pero mi madre contradecía: 'No, nuestro hijo debe civilizarse'. Y así fui donde los misioneros. Mi padre se negaba a visitarme allí, pero mi madre venía. Una vez al mes recibíamos visitas, entonces me traía frutas y yuca. Pero a veces no me dejaban verla, por haber sido desobediente e no haber rezado bien, o por haber hablado en Shuar con otros niños, en vez de en castellano. Entonces me traían el padre las frutas y la yuca de mi madre, pero ella tenía que irse sin haber podido verme. Los padres explicaban a mi madre: 'tu hijo ha hablado shuar, por eso no puedes verle hoy. Pero si habla ahora todo el mes español, puedes verle la próxima vez'. Durante las vacaciones podíamos ir a casa. Pero entonces estaba escrito poco antes de las vacaciones con tiza en la pizarra: 'Soy amigo del demonio, si en las vacaciones voy a casa donde los shuar'. Los niños nos decimos unos a otros:

'Ah, los amigos del demonio son los que se a casa'. Y nadie quería ser el amigo del demonio. To dos queríamos ser amigos de Dios. Así nos quedába mos la mayoría voluntariamente en la misión y traba jábamos durante las vacaciones para la misión , desde el amanecer hasta em anochecer."

Desta forma os missionários esperavam formar uma socieda de Shuar cristã, organizando os casamentos entre rapazes e moças dos internatos. Duas ou três gerações de jovens foram alfabetizados em espanhol e 'educados' dentro deste sistema. Neste contexto não podemos esperar nenhuma atitu de de interesse para a cultura e a língua nativa, sistema ticamente reprimida. O primeiro texto de maior extensão escrito em Shuar por um Shuar foi um livro de reflexões religiosas escrito por Ricardo Tankamash' (o mesmo que deu o depiomento citado) por volta de 1966. É um texto pa radoxal porque enquanto o modelo adotado era o da litera tura religiosa dos missionários, representava um ato de coragem e de auto-afirmação, através do uso da língua na tiva.

### A Federação

Em julho de 1961 o governo do Equador esta beleceu o Instituto Ecuatoriano de Reforma Agrária y Colo nijacion (IERAC). A colonização da região amazônica foi

considerada como uma solução alternativa a uma reforma agrária séria, para resolver os problemas de pressão demográfica sobre as terras andinas, sem ferir os interesses dos grandes latifundiários. Outra instituição fundada no mesmo período foi o Centro de Reconvención Económica del Ajuay, Cañar y Morona Santiago (CREA), de Cuenca, Morona-Santiago e a província equatoriana onde vivem os Shuar.

Assim foi que no começo dos anos 60 a pressão sobre as terras dos Shuar por parte da colonização crescente de proveniência andina e o forçado processo de mudança econômica levou a um movimento sugerido e patrocinado pelos mesmos missionários, que levou a fundação da primeira associação de 'centros' (grupos de famílias) Shuar em setembro de 1961. Em 1964 foi fundada a federação que reunia várias associações e que estabeleceu sua sede em Sucua, na província de Morona-Santiago (Federación, 1976). A Federação Provincial de Centros Shuaras foi reconhecida pelo governo Gortaire Zalles, do Equador. Nestes anos a Federação conseguiu um espaço de uma ou duas horas por dia na emissora de rádio das Escolas Radiofônicas de Riobamba, nos Andes do Equador. As transmissões em língua Shuar começaram a alcançar a região Shuar mais ocidental. Em 1968 a Federação conseguiu uma emissora própria e a partir daquela data as emissões em língua Shuar ocuparam sempre mais horas e se diversificaram. Durante os primeiros anos a rádio Federação teve uma função importante na organização dos cen



tros e das associações. Os Shuar, nos anos de repressão cultural e da pressão para que virassem peões de suas próprias terras, ao serviço dos colonos, quase haviam deixado de praticar gêneros verbais importantes da cultura, como as conversações cerimoniais de visita. Cada dia mais a língua Shuar era usada como se fosse um puro e simples instrumento para comunicar informações e cada dia menos era usada como uma parte central das instituições da cultura Shuar. Talvez o rádio que transmitia em Shuar e que era ouvido em todas as casas espalhadas na floresta, deu uma renovada confiança na língua, no prazer de ouvi-la e de praticá-la. Do rádio saíam mensagens, cantos tradicionais, recados para a organização de um centro ou de outro, histórias tradicionais. Neste sentido o uso político do rádio, para organizar os centros e as associações com a finalidade de defender as terras, teve desde o começo a função de dar nova vitalidade ao próprio meio usado para alcançar a maior audiência possível: a língua Shuar. Os gêneros verbais tradicionais não foram 'revitalizados', nem teve nenhuma pressão neste sentido, mas a língua Shuar, proibida nos internatos e falada com vergonha perto dos Colonos, dos militares e dos missionários, saiu da condição de instrumento estigmatizado destinado à extinção no espaço de uma ou duas gerações, para ser a língua ligada à nova resistência contra a ocupação indiscriminada e planejada das terras Shuar.

A partir de outubro de 1972 foi instituí-

do o sistema de educação radiofônica bilíngüe e bicultural, (Germani, 1977). No primeiro ano o sistema alcançou 31 centros e foi limitado ao primeiro grau, com 496 crianças ao todo.

Na sede central da Federação um grupo de professores Shuar habilitados e treinados para a educação radiofônica prepara e transmite as aulas para os diversos níveis. Em cada centro reside um(a) "teleauxiliar", um(a) jovem Shuar com treinamento básico para poder atuar como intermediário entre as informações e instruções transmitidas por rádio e as crianças e os adolescentes do centro. O sistema cresceu de ano para ano tanto em termos de número de centros alcançados, como em termos de anos de curriculum cobertos pela educação radiofônica. Em 1975-76 havia 130 escolas com 224 teleauxiliares. Em 1978 o ciclo primário de 6 anos já estava completo. Hoje a educação bilíngüe e bicultural alcança quase todo o território Shuar, do primeiro grau até quase o secundário.

A educação é dada mais em Shuar no início, com introdução do Espanhol como segunda língua. A língua Shuar usada pelos professores de Sucua, que transmitem por rádio, é uma variedade de Shuar em fase de adaptação para poder ser usada em todas as áreas de conhecimento. Muitas vezes há problemas de compreensão desta língua por parte dos teleauxiliares e dos alunos. Estes problemas são discutidos nas reuniões dos teleauxiliares com os professores, na sede da federação, que dispõe de umas

instalações para cursos e reuniões.

## A Política Cultural e Lingüística

A decisão de adotar um programa de educação definido bilíngüe e bicultural, teve como consequência previsível a estimulação do interesse para aspectos da cultura Shuar, que iam ser incluídos no curriculum. Assim foi que muitos textos em Shuar foram produzidos e na necessidade de enriquecer o curriculum, pelo que diz respeito à cultura Shuar, muitos teleauxiliares começaram a gravar e transcrever mitos e contos de anciãos. Certamente nos últimos anos criou-se uma imagem da cultura Shuar que fosse aceitável no novo contexto do contato cultural assumido. Esta imagem foi resultado de uma espécie de cirurgia cultural que permitiu depurar a vida Shuar tradicional de aspectos considerados negativos ou danosos. Assim, por exemplo, enquanto um aspecto central de todo o sistema cultural Shuar tradicional era a constante situação de latente ou aberta beligerância entre grupos Shuar, com lutas às vezes muito sangrentas, que podiam acabar com a festa da tsantsa (cabeça reduzida), estas características da vida Shuar tradicional encontram hoje pouco espaço na versão 'oficial' da cultura Shuar como divulgada para a formação do 'homem novo' Shuar.

O setor de publicações da Federação publi



cou e continua publicando os livros de textos usados nas escolas radiofônicas bilíngues. Estes livros absorvem muito material escrito em Shuar ou, como já disse, transcrições de textos gravados. Estes últimos textos são tirados em geral de uma série de publicações *Mundo Shuar*, produzidas pelo Centro de Documentação e de Pesquisa da própria Federação. Nesta série foram publicados até agora 70 livros divididos nas sub-séries seguintes: "redescubriendo nuestro mundo", 'Investigaciones sobre um mundo que cambia', 'Proceso de elaboracion de artesanias', 'Subsidios lingüísticos', 'ethnohistoria', "Mitologia", 'Cantos', 'Bibliografia' e uma nova coleção, com vários títulos de interesse antropológico e histórico. Na preparação de muitos destes livros houve colaboração de Shuar, ainda quando o autor é um missionário, um antropólogo ou um voluntário estrangeiro. Publicações de grande importância sobre a cultura material só foram possíveis com a colaboração de Shuar, que sabiam muito bem a função que as publicações iam ter na educação bilíngue e no processo mais geral de implementação de uma versão padronizada da cultura Shuar. O apoio constante que a rádio Federação deu a esta participação do Shuar nas pesquisas foi muito importante. Foi este, na realidade, uma ação de estimulação e de motivação. Este processo foi acompanhado por uma atitude negativa com relação a pesquisadores de fora, vistos como exploradores do povo Shuar, que apareciam para tirar informações para logo depois desaparecer com os dados. Em várias circunstâncias pesquisadores

foram proibidos de percorrer o território Shuar e recentemente a casa de uma antropóloga americana foi queimada. Ao contrário, pessoas não-Shuar conhecidas pelos Shuar, cujo trabalho é conhecido e apreciado, podem desenvolver atividades de pesquisa com a ajuda e a colaboração tanto da Federação como dos indivíduos nos centros.

Todo este processo cultural e educativo está estritamente ligado à atenção crescente para a língua Shuar. Os problemas da estandardização e a ideia segundo a qual Shuar deveria chegar a ser uma língua que possa ser usada para todas as áreas do conhecimento moderno, levaram a uma atitude de desafio e de esforço, presente entre muitos jovens Shuar, para evitar o mais que for possível os empréstimos do Espanhol, para comunicar não somente informações da vida de todos os dias, mas também informações e conceitos ligados à vida moderna.

Uma das áreas de mais sério desafio foi a da matemática. Uma terminologia para o ensino da matemática moderna foi elaborada por professores Shuar, e está em fase de experimentação nas escolas radiofônicas (Gnerre 1982).

Até o presente não existe um dicionário da língua Shuar que inclua todos os neologismos usados na literatura mais recente. Em 1981, depois de um acordo com os dirigentes da Federação Shuar comecei a preparar uma primeira versão deste dicionário. Esta foi a primeira vez que esta exigência foi claramente formulada pelos dirigentes da Federação Shuar. Nos anos passados já havia mani

festado minha preocupação com o processo de estandardiza  
ção que estava acontecendo de uma forma não planejada, mas  
de acordo com as exigências imediatas. A formulação do  
problema não sensibilizou os dirigentes da Federação, que  
talvez ainda compartilhavam uma visão da língua nativa co  
mo 'ponte' para passar ao uso do Espanhol na educação. Foi  
preciso que o processo de estandardização da língua e do  
uso dela como língua escrita chegasse a uma fase mais  
avançada para que as minhas propostas encontrassem uma  
reação positiva por parte dos dirigentes Shuar. Eles en  
tenderam a necessidade que existe de um dicionário para o  
atual processo de expansão de léxico e de padronização da  
língua. Ficou claro, também, o significado que um dicioná  
rio tem para o fortalecimento do uso escrito da língua.  
Assim foi que os dirigentes da Federação Shuar assegura  
ram a colaboração dos professores e de outros ' intelec  
tuais' Shuar para a redação do dicionário.

Atualmente (abril 1982), uma primeira ver  
são incompleta do dicionário, preparada por mim através  
do uso de um computador está sendo corrigida e modificada  
por um grupo de professores Shuar em Sucúa. Desta forma ,  
atê o final do ano será possível concluir o trabalho, pa  
ra possibilitar uma primeira edição do dicionário, a ser  
usada nas escolas radiofônicas.

Numa segunda fase do mesmo programa de tra  
balho sobre o processo de estandardização da língua, que  
deveria realizar-se em 1983, está previsto que um ou dois  
Shuar, dos que participaram da revisão e ampliação do di

cionário, realize comigo uma pesquisa nos centros Shuar (uma amostra selecionada) para testar as dificuldades que teleauxiliares e alunos dos centros encontram com a língua usada pelos professores nas aulas radiofônicas.

O processo que descrevi parece demonstrar, uma vez mais, quanto complexo e demorado é o surgimento da preocupação com a língua numa sociedade. Na realidade falei somente da elite intelectual da sociedade Shuar e não de todo o povo Shuar. Esta representa uma pequena minoría dos que tiveram que passar através da vergonha dos internatos, da ameaça ou da realidade de ficar sem terras, da tendência para virar, econômica e culturalmente peões culturalmente mestiços em suas próprias terras. Esta pequena minoria liderou o processo e talvez a preocupação com a língua surgiu de forma clara como último passo no processo, depois dos problemas de organização política e de re-formulação da cultura Shuar para sua incorporação 'oficial' na política cultural da Federação.

---

#### REFERÊNCIAS:

Federacion, 1976 - Federación de Centros Shuar. Solución original a um problema actual. Recopilación a cargo del Directorio de la Federación Shuar. Sucúa, Ecuador.

- Germani, A., 1977 - Educación radiofónica bicultural. Escuelas Radiofonicas biculturales Shuar Ecuador.
- Gnerre, M., 1982 - "Native language vs, second language in Mathematical education" in Proceedings of the X International Congress of Mathematical Education, Berkeley, August 1980.
- Gortaire, A., Zalles, J., 1980 - "Organizarse o sucumbir" , Centro de Documentacion e Investigacion Cultural Shuar, Mundo Shuar, Sucua, Ecuador.
- Münzel, M., Kroeger, A., 1981 - "El pueblo Shuar la layenda al drama", Mundo Shuar, Sucua, Ecuador.